

O som do silêncio

O caminho de Gonçalo é traçado pelos seus passos arrastados. O jovem segue o seu percurso determinado, ainda que com a sua roupa mal-amanhada, já descosida e com as manchas de sujidade e suor a formarem quase um padrão no seu casaco. Segue pelo meio da cidade vazia, e o único barulho que se ouve é o dos seus pés a pisarem o alcatrão das estradas desimpedidas, e os sussurros do vento morno de fim de verão que lhe secam as gotas de suor da cara. É-lhe complicado enxergar a realidade que o rodeia, os prédios destruídos e desprovidos da gente que os ocupava, as ruas com carros abandonados, as montras rebentadas das lojas vazias e os passeios gastos com a memória de quem por eles andava. Mas, o rapaz, embora sozinho, segue o seu percurso como se a sua sobrevivência dependesse de chegar a um destino que nem ele próprio sabe bem qual é. Permanece mudo e nem sequer olha à sua volta.

De repente, sente a poeira vinda de um prédio a cair-lhe no topo da cabeça. Ao aperceber-se disto, desvia-se rapidamente antes que um bocado do edifício o esmagasse e cai no chão, visivelmente desorientado pelo que lhe acabou de acontecer. Não ouviu as paredes a quebrarem, não ouviu o peso das pedras a corromperem o vento, só sentiu o cascalho sobre os seus cabelos e o chão a fazer tremer as suas pernas. Atordoado pela queda brusca, demora algum tempo até se conseguir levantar e abrir os olhos, e, quando o consegue fazer, vê alguém na berma do prédio. Feliz com a ideia de encontrar mais alguém, dirige-se rapidamente até ao topo do edifício para tentar averiguar o que se passou.

E, eis que, após subir as escadas desfeitas, chega ao terraço e vê uma figura desnutrida e suja, com feridas que lhe cobrem o corpo dos pés à cabeça. Aproxima-se calmamente e, ao agachar-se, toca no ombro da pessoa caída. Esta, assustada, reage rapidamente, apontando-lhe uma pistola ao peito. Com a perna perfurada por um cabo metálico, não se consegue pôr em pé, e Gonçalo, de mãos levantadas e ao ver a cara assustada da rapariga, prossegue, tentando demonstrar-lhe que não está armado e que não a pretende magoar. A rapariga, tremendo de frio e de medo, baixa muito lentamente a arma, e Gonçalo mostra-lhe a sua luva, um aparelho aparentemente simples ligado a um ecrã portátil que leva preso à cintura. Este objeto seria a única possibilidade de comunicação entre os dois, já que a explosão nuclear na cidade francesa de Orleães aniquilara grande parte da população europeia. Na verdade, o estrondo resultante da explosão ensurdecera aqueles que haviam sobrevivido, na medida em que os gases nocivos que tinham sido libertados para a atmosfera haviam destruído as cordas vocais dos habitantes das cidades afetadas pela explosão....

Gonçalo sabe que cada segundo é precioso, por isso liga o aparelho com alguma pressa e começa a desenhar sinais com as mãos que, rapidamente, se convertem em letras no ecrã. A rapariga encontra-se visivelmente desorientada, com feridas por toda a face que tornam as suas feições quase irreconhecíveis, e o rapaz apressa-se a fazer os gestos, como se quisesse passar uma mensagem o mais rápido possível. Assim que termina de fazer os gestos com a mão, o aparelho entra em modo de conversão, já que aquilo que gesticulou foi maior do que uma só palavra. À medida que o sistema carrega a mensagem, o silêncio e a ansiedade tornam-se cada vez maiores, até que uma luz verde começa a piscar: a frase estava pronta para ser lida. Gonçalo limpa a poeira do ecrã e mostra-o à rapariga. Esta faz um esforço tremendo para conseguir que os seus olhos foquem as letras, já que a cicatriz que lhe atravessa a cara lhe retirou grande parte da visão. Ela lê a mensagem e rapidamente se abraça a Gonçalo, deixando cair o ecrã para o lado. Neste, pode-se ler: JOANA, ÉS TU?